

O ESPORTE ADAPTADO COMO FATOR DE INCLUSÃO SOCIAL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA.

AUTOR: EVERSON CARDOSO GRUBANO

UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

eversoncgrubano@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo investigar a influência do esporte adaptado na inclusão de pessoas com deficiência física na sociedade, desta forma optou-se pela realização de uma entrevista semi-estruturada com perguntas nas quais procurou investigar em quais aspectos o esporte adaptado contribui para uma socialização tanto na visão dos excluídos quanto a sua visão sobre os excludentes.

Palavras-Chave: Esporte adaptado. Deficiente físico. Inclusão social.

1 INTRODUÇÃO

O esporte adaptado consegue dar um sentido para a vida de vários atletas, além disso desempenha o papel de incluir a percepção de competência e identidade pessoal, identidade esta como atleta e não como deficiente físico. (BRAZUNA; CASTRO, 2001).

Para Gorgatti (2005) além da melhora geral da aptidão física, o esporte adaptado auxilia em um enorme ganho de independência e autoconfiança para a realização das atividades diárias, além de uma melhora do autoconceito e da autoestima.

O estudo sobre Esporte adaptado vem ao longo do tempo ganhando novas finalidades nas suas utilizações como explica Gorgatti (2008):

O esporte para pessoas com algum tipo de deficiência iniciou-se como uma tentativa de colaborar no processo terapêutico delas e logo cresceu e ganhou muitos adeptos. Atualmente mais do que terapia o esporte para esta população caminha para o alto rendimento e o nível técnico dos atletas impressiona cada vez mais o público e os estudiosos da área de Educação Física. (p.532).

A participação em diferentes atividades tem recebido a atenção crescente, oferecendo as pessoas com deficiência a oportunidade, de experimentarem sensações e movimentos, que frequentemente são impossibilitados pelas barreiras físicas, ambientais e sociais. Dentre estas atividades destaca-se o esporte, muitas vezes já indicado desde a fase inicial do processo de reabilitação. (LABRONICI, 2000)

Nesse sentido, observou-se a relevância em elaborar uma pesquisa de campo envolvendo o esporte adaptado e pessoas com deficiência física, uma vez que eram constantes as minhas observações nos treinamentos de atletas que buscam o esporte adaptado como fator de inclusão social.

O presente estudo intitulou-se: O Esporte Adaptado como fator de inclusão social para pessoas com deficiência física

Para a realização da pesquisa foram entrevistados seis deficientes físicos, que são atletas da modalidade do atletismo adaptado, mais precisamente dos lançamentos de dardo e disco e arremesso de peso.

Tendo por base a problemática levantada, apontou-se o seguinte problema: Qual a percepção dos atletas, deficientes físicos, a respeito do esporte adaptado como fator de inclusão social?

Esta pesquisa norteou-se pelos seguintes objetivos: Geral: Analisar a percepção dos atletas com relação ao esporte adaptado como fator de inclusão social. E os específicos: Identificar qual a importância da prática do esporte adaptado para pessoas com deficiência física e Levantar informações quanto ao esporte adaptado no auxílio da inclusão social.

2 ESPORTE ADAPTADO E INCLUSÃO SOCIAL

A educação física começou a se preocupar com atividade física para pessoas com deficiência, no final da década 1950. O início da prática do desporto no Brasil aconteceu pela reabilitação e deu-se em virtude de iniciativas de Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande, após ficarem deficientes físicos em decorrência de acidentes e foram procurar os serviços de reabilitação nos Estados Unidos. Ao retornarem ao país ajudaram a fundar o Clube dos Paraplégicos em São Paulo e o Clube do

Otimismo no Rio de Janeiro. Del Grande tinha como esporte adaptado basquete em cadeira de Rodas.

O Brasil iniciou sua participação na Paraolimpíada, em 1975, e hoje há muitas associações que compõem o Comitê Paraolímpico Brasileiro com o objetivo de incentivar o esporte para pessoas com deficiência e organizar o desporto em nível de competições regionais, nacionais e internacionais.

Segundo Araújo (1997), surge no início dos anos de 1970 um movimento na área da educação física denominado “Esporte para Todos”. A atividade física e desportiva para a pessoa com deficiência cresceu muito desde os anos de 1980, e o Brasil tem sido representado nas grandes competições.

A inclusão social das pessoas pôde tornar-se uma realidade através da prática de atividade física e desportiva pelo deficiente, e o atletismo tem sido um exemplo de esporte adaptado.

2.1 ESPORTE ADAPTADO: ATLETISMO

O esporte adaptado pode ser definido como o esporte modificado ou especialmente criado para ir ao encontro das necessidades únicas de pessoas com deficiência.

É comum a sociedade associar a pessoa com deficiência a falta de produtividade, ou seja, o fracasso é facilmente apontado e o sucesso é pouco percebido e quando percebido é atribuído com mérito, não sendo valorizado o esforço depositado para tal proeza. O esporte adaptado ocupa/desempenha um papel importante na sociedade porque ele combate este tipo de preconceito e estereótipo em torno das pessoas com deficiência. (HEIL, 2008).

O esporte adaptado pode ser realizado de forma integrada, em indivíduos com e sem deficiência praticam e competem juntas, ou de forma segregada, em que as pessoas com deficiência praticam e competem separadamente daqueles sem deficiência, (GORGATTI 2005, pg 496).

BRAZUNA (2001) salienta que o deficiente físico é encorajado a engajar-se no esporte por causa das necessidades terapêuticas e consequências sociais positivas.

A Paraolimpíada é o melhor exemplo do nível de importância atribuído ao esporte adaptado, aonde se podem ver exemplos de adaptação e superação de atletas deficientes. (MOURA, 2006).

É importante ressaltar que todo o processo de crescimento de atributos para o fortalecimento do esporte adaptado dependeu dos fatos históricos,

A prática de atividades físicas por pessoas com deficiência física vem desde a Grécia antiga. O exercício com finalidades terapêuticas já era praticado na China há três mil anos. Entretanto o esporte da forma pela qual o conhecemos hoje é de fato recente, tem sido iniciado por volta do século XIX. As atividades descritas antes deste período tinham uma finalidade primordialmente médica, buscando prevenir e tratar lesões ou doenças. (GORGATTI, 2005, pg 485).

COSTA e SILVIA (2013) completam que o esporte é um fenômeno sociocultural com formas de manifestações heterogêneas. O esporte adaptado se coloca como uma destas possibilidades sendo um objeto complexo com raízes na reabilitação de soldados no momento pós II Guerra Mundial.

Em alguns países como os Estados Unidos em 1870, Berlin 1888 e Paris em 1924 tiveram os seus primeiros eventos competitivos. Já na Alemanha a prática desportiva para pessoas com deficiência física teria se iniciado em 1918, para amenizar os horrores da Primeira Guerra Mundial e, apesar de todos os seus prejuízos, trouxe para esses portadores algo melhor do que elas até então possuíam. Estes esportes adaptados e as pesquisas evoluídas nesta área também tiveram o grande papel de dar aos veteranos de guerra que sofreram mutilações em combate uma vida mais digna e saudável. (GORGATTI, 2005).

Já o Brasil, iniciou a divulgação dos esportes adaptados no ano de 1958 com bases influenciadas dos Estados Unidos e Inglaterra quando duas pessoas Robson Sampaio de Almeida residente no Rio de Janeiro e Sérgio Serafim Del Grande residente em São Paulo buscaram os serviços de reabilitação nestes países. Inicialmente o esporte adaptado teve seus polos competitivos direcionados para cidades metropolitanas como São Paulo e Rio de Janeiro.

O esporte adaptado ficou restrito ao eixo Rio-São Paulo, apenas se expandindo pelo Brasil após a fundação das entidades nacionais de administração esportiva que iniciaram os trabalhos na área no ano de

1975. O CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro), órgão superior na administração do paradesporto no Brasil, foi fundado em 30 de agosto de 1994, na cidade do Rio de Janeiro. (GORGATTI, 2005, pg 492).

Outro fato importante citado pela a autora é que depois que entrou em vigor a Lei Piva no ano de 2001, o CPB passou a receber verba fixa, verba esta vinda de uma porcentagem sobre 2% da arrecadação do montante destinado aos prêmios dos concursos federais e que a expectativa é que ocorram a partir de agora maior incentivo para os clubes, associações e a construção de novos centros de treinamento especializados.

Dentre os vários esportes adaptados o atletismo vem se destacando quanto ao número de adeptos e um dos grandes fatores de difusão da modalidade é o fácil acesso e a naturalidade dos movimentos, já que, correr, saltar, lançar e arremessar são atividades inerentes à sobrevivência do homem.

O Comitê Paralímpico Brasileiro define que o atletismo seja praticado por atletas com deficiência física ou visual. Há provas de corrida, saltos, lançamentos e arremessos, tanto no feminino quanto no masculino. Os competidores são divididos em grupos de acordo com o grau de deficiência constatado pela classificação funcional.

2.2 INCLUSÃO SOCIAL: DEFICIÊNCIA FÍSICA E ADAPTAÇÃO

O Decreto 3.298/99 (BRASIL, 1999) conceitua o termo deficiência no seu art.3 como:

I – deficiência: toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, filosófica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano.

Esta definição de deficiência é vista como desapropriada para correlacionar com um indivíduo deficiente:

o termo da Convenção de Salamanca que foi promulgada pelo Decreto 3.956/01 (BRASIL, 2001) onde descreve que “deficiência significa uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causa ou agravada pelo ambiente econômico e social” é mais utilizado pelo fato de não possuir a palavra “anormalidade” evitando margens para interpretações preconceituosas. (MOTA, 2008).

Atualmente novas terminologias das classificações para favorecer os fins didáticos e identificar o universo dos deficientes físicos já estão sendo usadas, dentre elas estão:

Deficiência (intelectual, auditiva, visual, física e múltipla)/Transtorno global do desenvolvimento (autismo, psicose infantil);/Altas habilidades ou superdotação/Distúrbios de saúde (obesidade, diabetes, cardiopatias etc.)/Problemas de comunicação, fala e linguagem/Distúrbios de aprendizagem. (MARCHESI; MARTÍN, 2005; MEC/SEESP, 2007, apud CIDADE 2009).

No decorrer dos anos houve grande mudança na nomenclatura de como denominar uma pessoa com deficiência, entretanto devemos partir do princípio que são pessoas humanas e que devem estar incluídas socialmente.

se houvesse mais respeito no convívio humano, alguns preceitos básicos de convívio humano estão esquecidos. São eles: o respeito ao outro, considerando sua origem social, seus hábitos, suas opções; suas características, enquanto ser humano diferente, e o diálogo, que deve permear qualquer tipo de relação humana. (Duarte, 2003, pg 95).

Inclusão social é algo complexo e que envolve todas as esferas da sociedade e quando falamos em inclusão, o que estamos falando é de corpos que estão fora dos “padrões da normalidade” (física, comportamental e social), e que necessitam de superação e compreensão dos ditos “normais” para serem aceitos. (DUARTE, 2003)

Para BLOCK, 1992 apud DUARTE (2003) o conceito de inclusão social se dá pelo processo pelo qual a pessoa com deficiência de qualquer tipo de necessidade especial se preparam para assumir papéis na sociedade e, simultaneamente, a sociedade se adapta para atender as necessidades de todas as pessoas.

Já o processo de inclusão social através do esporte adaptado posiciona-se na sociedade contemporânea como um importante meio e empoderamento de pessoas com deficiência, porém o componente competitivo lhe confere uma face excludente, na qual sujeitos são selecionados e comparados frente sua capacidade atlética, desta forma, o crescimento da importância social e do profissionalismo presente no esporte lhe confere um papel paradoxal frente á inclusão de pessoas com deficiência física. (COSTA e SILVA, 2013).

5. METODOLOGIA

O presente trabalho de pesquisa visa discutir sobre a importância do esporte adaptado para pessoas com deficiência física incluídos na sociedade através de participação em eventos esportivos, com o atletismo.

O estudo realizado caracteriza-se por uma pesquisa de campo de natureza básica, que para Siena (2007, p. 59), é “o processo de geração de conhecimentos novos para o avanço da ciência, sem preocupação com aplicação prática imediata”.

A pesquisa é bibliográfica, pois se baseia em materiais já publicados sobre o assunto. Para Gil (2002, p.44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”.

É também de campo, e estando de acordo com Gil (2002, p. 53), [...] o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo.

Para esta pesquisa usamos a abordagem qualitativa, em virtude de que não visa apenas coletar dados, segundo Minayo (2004, p.21-22).

A pesquisa qualitativa responde às questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. [...] A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações médias e estatísticas.

Nesta pesquisa os objetivos e os procedimentos realizados são vistos como exploratórios descritivos. Para Gil (2002, p.42), é exploratória: essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. É descritiva por

ter como “objetivo a descrição das características de determinadas populações ou fenômenos [...]”. (GIL, 1994, p. 45)

Com relação aos instrumentos de coleta de dados, realizou-se entrevista semi-estruturada. Para Minayo (2004, p.58), Em geral, as entrevistas podem ser estruturadas e não estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista *aberta* ou *não-estruturada*, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como as estruturadas que pressupõem *perguntas previamente formuladas*. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como *entrevistas semi-estruturadas*.

Para a coleta de dados seis atletas amadores, 3 do sexo masculino e 3 do sexo feminino de idade entre 23 e 50 anos residentes do município Criciúma – SC, que praticam atletismo adaptado, com finalidade de competir, que estejam devidamente inscritos como atletas conforme as exigências do JUDECRI, e que se sentiram à vontade de participar da pesquisa, demonstrando seu interesse, assinando o termo de consentimento informado. Estes atletas são membros da JUDECRI (Associação dos Deficientes Físicos de Criciúma) e fazem parte da modalidade de atletismo, das provas de lançamentos e arremesso e que utilizam a pista de atletismo do complexo esportivo da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense) para desenvolverem o treino diário.

De acordo com autorização dos atletas, sujeitos pesquisados, as entrevistas foram gravadas e transcritas, na qual os dados foram tabulados, possibilitando assim, a realização da análise frente ao referencial teórico.

6 ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas foram realizadas durante o mês de Abril de 2014, visando levantar dados referentes à percepção dos atletas em relação ao esporte adaptado como fator de inclusão social.

As entrevistas foram gravadas e categorizadas por semelhança para facilitar a organização e análise, sem a preocupação de seguir o roteiro da entrevista.

Os dados coletados foram tabulados com base em entrevistas semi estruturadas, para ser analisada a luz do referencial teórico que consta neste trabalho.

É importante dizer os atletas entrevistados, na sua maioria, mostraram-se receptivos e dispostos a contribuir com a pesquisa, na qual todas as questões foram respondidas e os participantes demonstraram satisfação com o estudo abrangendo os deficientes e a inclusão social.

Para efeito de sigilo, os atletas serão denominados neste estudo como Atleta1 (A 1), Atleta2 (A 2), Atleta3 (A3), Atleta4 (A4), Atleta 5 (A5) e Atleta 6 (A6).

A tabela 1 mostra a deficiência que cada participante da pesquisa possui e a classificação oficial do Comitê Paraolímpico Brasileiro.

Tabela 1 – Classificação/Deficiências oficiais do Comitê Paraolímpico Brasileiro

Atletas	Classificação	Deficiência
(A 1)	F 11	Deficiência visual devido a sequela de Meningite
(A 2)	F 38	Hemiplegia esquerda sequela da Paralisia cerebral
(A 3)	F 44	Luxação congênita de quadril e encurtamento de membro inferior esquerdo
(A 4)	F 44	Pseudoartrose neurofibromatose de membro inferior esquerdo
(A 5)	F 57	Poliomielite com consequência de paralisia de membro superior esquerdo
(A 6)	F 57	Amputação de membro inferior esquerdo

Fonte: Dados do pesquisador, primeiro semestre de 2014/ Comitê Paraolímpico Brasileiro.

A classificação é a mesma para ambos os sexos, atleta masculino e feminino. Entretanto, os pesos dos implementos utilizados no arremesso de peso e nos lançamentos de dardo e disco variam de acordo com a classe de cada atleta. Para provas de campo – arremesso e lançamentos

F – Field (*campo*);

F11 a F13 – deficientes visuais;

F20 – deficientes intelectuais;

F31 a F38 – paralisados cerebrais (31 a 34 para cadeirantes e 35 a 38 para ambulantes);

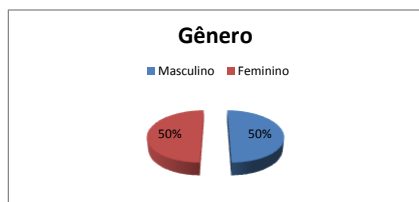
F40 – anões;

F41 a F46 – amputados e outros,

F51 a F57 – competem em cadeiras (sequelas de poliomielite, lesões medulares e amputações)

O Gráfico 1 mostra o gênero dos participantes da pesquisa.

Gráfico 1- Gênero

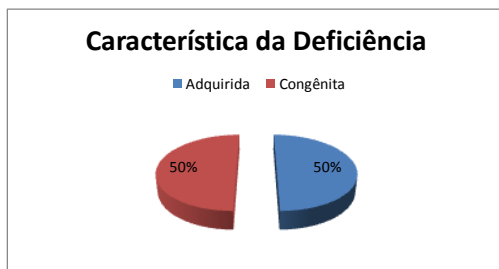


Fonte: Dados do pesquisador, primeiro semestre de 2014.

O gráfico acima mostra que 50% dos participantes da pesquisa são do sexo masculino e 50% do sexo feminino, com idade entre 23 e 50 anos residente do município Criciúma – SC, que praticam atletismo adaptado inscritos como atletas conforme as exigências do JUDECRI

O gráfico 2 mostra o tipo de deficiência que os entrevistados possuem, se foi adquirida ou é congênita.

Gráfico 2 – Tipo de deficiência/ Adquirida ou congênita



Fonte: Dados do pesquisador, primeiro semestre de 2014.

O gráfico acima aponta que 50% dos atletas participantes têm a deficiência física congênita e 50% a deficiência adquirida. Segundo (CIDADE, 2009), a deficiência congênita acontece quando o indivíduo já nasce com a deficiência e a deficiência chamada de adquirida, quando, por algum motivo, no decorrer de sua vida, sofre uma lesão (doenças, acidentes etc.).

Ao indagar os entrevistados se alguma pessoa teve uma participação direta na motivação, com relação a aderência ao esporte, os atletas responderam:

“Sim teve o pessoal de outra associação que eu não lembro o nome mais que agora esta desativada e também a família”. (A1)

“Sim, o meu atual treinador e uma amiga (atleta), porque eu moro perto deles e eles me ajudam. Com 15 anos a minha família me mandou embora de casa e nenhum deles liga pra mim, um dia um carro de uma associação parou perto de mim e perguntou se eu queria praticar esporte e eu aceitei”. (A2)

“Eu desde criança pratiquei esporte, jogava futebol porque o meu irmão era apaixonado por esta modalidade e queria ser jogador do Comerciarío na época, hoje conhecido como Criciúma, só que certo dia eu descobri que mancava e tinha dificuldades para ser incluído nas atividades físicas das aulas”. (A3)

“Eu sempre gostei de esporte e eu praticava o karate antes de praticar o esporte adaptado e também academia. Mas quando conheci o pessoal da JUDECRI apesar de ter recebido alguns convite não me senti preparada, foi então que recebi o convite para jogar o tênis de mesa e dentro deste esporte alguns membros me incentivaram a participar do atletismo, gostei e acabei ficando”. (A4)

“Sim, a principio foi na associação eu sempre tive vontade de praticar algum esporte não tive oportunidade na escola, mas na associação eu consegui alcançar os meus objetivos, dei uma parada e o meu técnico me incentivou a retomar os treinos ele foi essencial na minha profissão, pois pra mim o esporte hoje é profissão”. (A5)

“Quando entrei na associação notei que todos praticavam algum esporte e vi uma amiga participar de competições nacionais e internacionais e basicamente foi isso, uma amiga que me incentivou”. (A6)

Todos os atletas apontaram alguém, citaram nomes, que de algum modo os motivaram para iniciar a prática esportiva, isso mostra como o valor humano se torna precioso na vida destas pessoas.

Para (CIDADE, 2009), este contato é apenas o primeiro e importante passo, mas não o suficiente para romper com o isolamento dos grupos, outro autor afirma que:

por um lado, a integração física pode contribuir para minimizar o preconceito, favorecer os contatos mistos, como também pode ter um efeito contrário ao esperado, ou seja, fortalecer o estigma e justificar uma segregação de caráter menos explícita. Em suas palavras, “estar simplesmente ‘ao lado de’ não propicia real e efetiva integração”. (CIDADE 2009, apud, AMARAL 2005, pg 124).

A presença de um indivíduo que não olhe o sujeito para saber o que ele tem e sim de sua potencialidade, e que também ofereça alguma motivação é algo apontado como fundamental na vida de pessoas com deficiência. Porém estar ‘ao lado de’, requer que aconteça uma interação entre ambos e que as barreiras sejam quebradas tomando conhecimento da necessidade de cada um.

Na questão onde abordava se a prática do atletismo adaptado trouxe algum benefício tanto na sua vida diária quanto na parte física os atletas apontaram que:

“Em competição, na hora do lançamento agente não esta acostumada e fica um pouco acanhado, mas no momento de receber uma premiação ter o reconhecimento pelo nosso resultado é muito bom. Agente vai a rádios, eu já dei algumas entrevistas e é muito bom tu ser reconhecido pelo que tu fazes e o esporte é uma profissão que exige muito tanto da mente quanto do corpo, então todo o trabalho e o esforço que agente faz o ano inteiro pra uma competição ter este prestígio e este reconhecimento é muito motivador pra continuar dando o seu melhor”. (A1)

“Bastante, pois quando eu entrei na associação eu tinha vergonha de andar de shorts, na praia sempre andava com uma toalha, e depois

aprendi que agente tem que aceitar e viver como agente é. Dentro da associação eu tive vários exemplos bons que fizeram com que a minha vida social se expandisse porque eu vivia muito fechada e se eu não praticasse o esporte estaria hoje em uma cadeira de rodas, não que eu ache isto um absurdo porque eu vivo neste meio”. (A2)

“Trouxe bastante e bota melhora nisso, melhorou a saúde, diminuí os medicamentos e também emagreci bastante. Pra saúde é a melhor coisa que tem”. (A3)

“Com certeza porque o sedentarismo tomava conta de mim. A minha vida era de casa para a escola e da escola para casa, dai comecei a praticar o atletismo a me motivar, sem contar que eu tinha asma brônquica e melhorei 100%”. (A4)

“Sim, melhorou a minha saúde, porque eu estava bem doente, agora eu estou mais forte mais magro. Andei fugindo no ano passado dos treinos por causa da dor, mais agora estou bem melhor”. (A5)

“Hoje eu vivo do atletismo e além de ministrar o treinamento do paradesporto eu ainda pratico o lançamento de dardo que é a minha real renda atual. E a parte física, hoje eu me encontro com 48 anos de idade e acredito que hoje eu ando e corro um pouco graças ao atletismo sem ele eu me encontraria em uma situação física muito delicada que é o caso dos deficientes físicos com sobrepeso que acabam em uma cadeira de roda porque as partes deficientes e a coluna não aguenta a sobrecarga. Por fim, o atletismo se tornou o meu estilo de vida e modo de sobrevivência”. (A6)

Os atletas deixaram claro que o esporte adaptado é de grande importância em suas vidas, todos notaram melhoras tanto na integração pessoal quanto na diminuição de riscos como sobrepeso e futuras lesões sem contar a diminuição dos medicamentos.

A adesão às práticas esportivas regulares traz uma série de benefícios para as pessoas com deficiência, tais como: melhora na locomoção, equilíbrio, percepção espacial, conscientização corporal, agilidade e amplitude dos movimentos em geral; assim como ajuda a vencer limitações impostas pela deficiência e também pela sociedade. (HEIL, 2008).

Já o desempenho atlético é associado com ganhos significativos não só na capacidade física e manutenção de independência, mas também para a saúde mental, incluindo a percepção de competência e identidade pessoal. (BRAZUNA, CASTRO, 2001).

Foi possível perceber, através das entrevistas, que a sensação de estarem sendo prestigiado dentro dos eventos esportivos é muito gratificante apesar da euforia da competição é sempre bom receber o carinho pelos feitos realizados, confirmados nos trechos a seguir:

“Bom, agente sempre conversa sobre este assunto na JUDECRI, e sempre se fala que todo mundo esta na sociedade todo mundo faz parte da sociedade, então o esporte ele, muitas pessoas falam em inclusão social através do esporte, mas todo o ser humano já esta na sociedade, é claro que com o esporte você consegue ter uma visão diferente, se conhece outro deficientes, começa a viajar, começa a conhecer outras cidades e esta visão muda completamente e a sociedade já te vê de maneira diferente apesar de já fazer parte da sociedade”. (A1)

“Nossa! Eu tenho saudade quando eu competia pela seleção brasileira, as crianças me reconheciam, e no pan-americano de 2002 várias crianças me pediram autógrafos, sem duvida é muito bom é o momento que você se sente valorizada não dá nem pra expressar o tamanho da emoção”. (A2)

“Muito gratificante, eu fico muito contente e os amigos ajudam bastante, só por que eu tenho uma deficiência as pessoas acham que eu não posso fazer nada, eles nem acreditam quando veem nos treinando”. (A3)

“Bate o nervosismo todo mundo te olhando e você acaba não dando tudo de si, por outro lado é muito bom ter o prestígio das pessoas”. (A4)

“Eu fico nervoso e contente e quanto mais gente melhor”. (A5)

“É muito legal porque o ego da gente adora um carinho, ainda mais quando somos reconhecidos diante de feitos importantes no atletismo”. (A6)

Sentir-se valorizado pela sua potencialidade no desempenho esportivo é gratificante para que a pessoa com deficiência continue a se superar, ainda mais quando ganham carinho e respeito.

O atletismo constitui-se em um caminho eficaz para o desenvolvimento de atividades motoras, estimulando e valorizando as potencialidades do deficiente físico, incentivando seu interesse através de suas conquistas individuais e trabalhando na construção de sua interação em grupo. (MOURA, 2006)

Questionados se o esporte adaptado traz contribuição para a inclusão social os atletas responderam que:

“O esporte adaptado é uma ferramenta para auxiliar o deficiente que muitas as vezes estaria em casa, já aposentado e não trabalha a sair frequentar uma academia uma pista de atletismo uma quadra de handebol e com isso ele acaba se relacionando com novos deficientes e veem que a vida continua que a vida pode ser normal e motiva a pessoa a fazer uma faculdade uma realidade que o deficiente pensava em ter”. (A1)

“Eu acho que sim, ainda mais os com paralisias cerebrais que tem na nossa região, normalmente as famílias vão deixando de lado e aqui dentro eles se encontram através do esporte. Um exemplo disso é os três atletas da modalidade da bocha, eu fico até emocionada quando falo deles porque eles tem mais nós como família do que a própria família, é por este motivo que eu acho que o esporte é muito importante”. (A2)

“Só sair de casa já é bom. Quando a cabeça fica parada só pensa porcaria”.
(A3)

“Traz muito, com a mídia, empresas e patrocínios, agente é mais visto, não fica só no coitadinho que fica em casa e as pessoas abraçam a causa”. (A4)

“Sim, bastante”. (A5)

“O esporte adaptado serve para fazer com que ele acredite na sua potencialidade, sempre quando chega um atleta novo a primeira coisa que ele aprende é que a frase “eu não posso” não existe no nosso vocabulário porque ele sempre vai poder mais da forma dele, pode ser que da forma convencional não, mas da forma dele ele vai fazer todas as atividades. Outro fato é que através do esporte agente está desmitificando a ideia que a pessoa com deficiência tenha que ser necessariamente incapaz, e através dele conseguimos demonstrar de uma forma clara sem muito discurso que os deficientes são capazes, diferente da forma que a sociedade nos vê, porque a sociedade nos vê pelas nossas diferenças o cego pela bengala, deficiente pela cadeira de rodas, o mental por não formular pensamentos lógicos, em fim a deficiência não esta nas pessoas e sim em um contexto social que não permite que nós executássemos as tarefas um exemplo é um degrau eu não consigo subir ou ele não deveria estar ali, outra coisa é você chegar à fila de um emprego e eles não perguntar o que agente faz e sim o que agente tem. Então o esporte tem esta característica de não demonstrar a pessoa pela deficiência e sim pela sua eficiência”. (A6)

Os atletas em geral percebem o esporte como uma ferramenta de extrema importância no seu cotidiano e o descrevem que o mesmo tem o poder de coloca-los de volta na busca de objetivos na sua vida e através dele construir novos laços afetivos com pessoas que realmente dão algum valor aos seus feitos.

Para CIDADE, 2009 apud COSTA, 1995, as experiências motoras dos deficientes físicos poderão ser ampliadas através de conhecimento de novas possibilidades de movimentos e jogos adaptados as suas limitações e potencialidade.

Quando interrogados sobre o entendimento do termo inclusão social, os atletas colocaram que:

“A inclusão social é algo importante para a sociedade, porque sempre existe de uma forma ou de outra alguém que se sinta diferente por algum motivo e acaba sendo menosprezado em alguns momentos”. (A1)

“É algo suspeito, eu não aceito muito a inclusão social, porque que eu tenho que me incluir na sua sociedade e não você na minha. Por exemplo, eu acho errada a cota para negros, porque se ele realmente quer estar ali ele tem que batalhar e não depender de cota nenhuma”. (A2)

“Estou por fora do assunto, mas eu acho que as pessoas estão mais cientes, principalmente os motoristas de ônibus que sempre me ajudam”. (A3)

“Agente é muito excluído ainda e temos que lutar muito para poder participar de eventos ou mesmo em uma escola no trabalho e só através da justiça e de leis que agente consegue estar participando dessas atividades todas, se não eu estaria em casa uma hora dessas se não fossem as leis que obrigassem no geral a colocar agente junto deles”. (A4)

“Faltam muita coisa, mais o que mais vejo na televisão é a falta de respeito”. (A5)

“Eu não gosto do termo inclusão social, porque vem de uma sociedade aonde a burguesia ditavam as regras e também qual é o aparato ideológico que a sociedade deveria seguir e no caso do Brasil a questão do militarismo onde todas as atividades eram voltadas para o homem forte, alto e saudável numa ideia muito “nazista”, ou seja, a situação perfeita e por anos e anos cometeram crimes contra as pessoas com deficiência, segregaram e separaram do convívio social e hoje nós cobramos conta e a sociedade acredita que paga esta conta com políticas de inclusão social. Não existe inclusão social porque agente já faz parte da sociedade isto é apenas o pagamento de anos de segregação”. (A6)

O significado de inclusão social está bem claro para alguns destes atletas, suas respostas mostram uma visão interessante sobre o assunto, para alguns é algo que de fato se torna importante para a sociedade, contra partida, outros não concordam com este termo por afirmarem que já fazem parte da sociedade e descartam a ideia que tenham que se incluir.

De certa forma a inclusão social tem um efeito positivo na sociedade, por ser um processo amplo, com transformações pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive na própria pessoa com deficiência. (CIDADE, 2009).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o esporte adaptado como fator de inclusão social para pessoas com deficiência física. Neste sentido, nos foi possível constatar que o esporte adaptado coloca nas mãos desse grupo certo poder e viabiliza acessos nunca alcançados.

Ficou evidente também que o indivíduo com deficiência física carece muito de pessoas que estejam dispostas a abraçar a causa e que busquem algum aprofundamento sobre tal questão para tomar conhecimento da real situação e o nível de potencialidade que estas pessoas trazem consigo.

Mesmo transparecendo que a inclusão social não estava bem clara para uma melhor discussão, os atletas mostraram uma visão diferente sobre a questão, ou seja, abriam o discurso perguntando “como me incluir onde já estou incluso”?

Pensar em inclusão social para pessoa com deficiência física envolve um trabalho anterior da conscientização da família quanto as suas reais potencialidades. Só com o apoio familiar a pessoa terá consciência necessária para buscar seus próprios direitos e posteriormente na busca por novas oportunidades de vida, neste caso, ser alguém através do esporte adaptado.

Por fim, o estudo deixa claro a imagem do esporte adaptado como fator de inclusão social, ele faz com que as barreiras sejam quebradas e que os atletas se sintam de alguma forma cidadãos com objetivos e dentro desta sociedade vistos pelo seu desempenho e capacidade de realização.

7 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. F. de. **Desporto adaptado no Brasil : origem, institucionalização e atualidade**. 1997. 140f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BRAZUNA, M.; CASTRO, E. **A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento**. Uma revisão da literatura. Motriz, 2001. Disponível

em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/Brazuna.pdf> > Acesso em: 10 de junho de 2014.

CIDADE, Ruth Eugênia Amarante. **Introdução á Educação Física Adaptada para Pessoas com Deficiência** /Ruth Eugenia Amarante Cidade, Patrícia Silvestre de Freitas – Curitiba: Ed. Da UFPR, 2009. (124p).

GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da. **Atividade física Adaptada: Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2. ed. Barueri, Sp: Manole, 2008. 660 p.

HEIL, E. (2008) **A percepção de atletas com deficiência visual sobre o esporte adaptado.**

Disponível em:<<http://siaibib01.univali.br/pdf/Edineia%20Benvenuti%20Heil.pdf>> Acesso em: 10 de junho de 2014.

LABRONICI, RITA HELENA DUARTE DIAS; CUNHA, MÁRCIA CRISTINA BAUER; OLIVEIRA, ACARY DE SOUZA BULLE and GABBAI, ALBERTO ALAIN. **Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade**. *Arq. Neuro-Psiquiatr.* [online]. 2000, vol.58, n.4, pp. 1092-

Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/anp/v58n4/3406.pdf> > Acesso em: 6 de Março de 2014.

Moura, W.L.; Benda, R. N.; Novaes, J. S.; Tubino, M. J. G. (2006). **O Atletismo no desenvolvimento de crianças portadoras de necessidades especiais**. *Motricidade* 2 (1): 53-61.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; CALLADO, Carlos Fernandez; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013. 624 p.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

